



Breves reflexões sobre o trabalho docente durante a pandemia do COVID 19 em uma escola periférica em Aracaju¹

Márcio Batista SANTOS²

Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe.

Resumo

Este artigo tem como pano de fundo as reflexões de um professor da rede Estadual de Sergipe diante do trabalho de produção e execução de atividades remotas na modalidade de Educação de Jovens e Adultos no nível médio em uma Escola periférica de Aracaju. Nesse contexto, o artigo busca refletir sobre questões relacionadas às incertezas provocadas pelo contexto da pandemia em Aracaju, o que provocou desajustes em relação ao universo do trabalho e afazeres domésticos requerendo novas competências para lidar com a nova realidade vigente. Perpassando pela diminuição da autonomia docente em relação a sua praxe pedagógica no contexto das atividades remotas, escassez de auxílio a professores e estudantes especialmente em relação a acessibilidade remota por parte do Governo de Sergipe, o que ocasionou a exclusão de grande parte dos alunos no processo educacional nesse período, enfraquecimento do papel do sindicato como instituição representativa dos profissionais da educação e finalizando como uma reflexão sobre como esses elementos encadeados podem ter interferido na qualidade do trabalho docente no contexto da pandemia..

Palavras-chave: trabalho remoto, educação, pobreza.

O trabalho tem por objetivo construir uma breve reflexão sobre o trabalho remoto realizado por um professor da rede Estadual de Sergipe em uma escola periférica de Aracaju no contexto da pandemia da COVID 19.

Dessa forma foi utilizado como material de análise, todas as mensagens trocadas via email e whatsapp entre o professor da referida escola e coordenador pedagógico, professor e alunos de uma das turmas na qual foram desenvolvidas as atividades remotas, professor e colegas da rede. A escolha da turma se deu pelo fato de ser proporcionalmente a que mais realizava atividades propostas da disciplina ministrada pelo professor.

1 Trabalho apresentado no GT 05 – Precarização: transformações e crises nas relações sociais do trabalho do III Seminário Nacional de Sociologia, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020.

2 Mestre do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da UFS, e-mail: bs.marcio30@gmail.com



Por uma questão de ética optou-se em não identificar o nome da escola, dos alunos, coordenador pedagógico e professores. Os coordenadores e professores foram comunicados a respeito da proposta de apresentação do artigo, mas optou-se em não comunicar aos alunos pelo fato do processo de ensino remoto ainda não está encerrado e assim não influenciá-los em sua decisão de participação de atividades remotas. Por isso, todas as comunicações realizadas pelos alunos não foram transcritas, apenas reportamos o conteúdo, sem identificar o emissor.

Analizou-se também documentos oficiais como Decretos Estaduais e Portarias, assim como as postagens realizadas na página oficial do Sindicato dos professores da Rede Estadual de Sergipe.

Outro ponto que pode parecer controverso é o fato do pesquisador assumir o papel de docente da turma, entretanto segundo BORTONI-RICARDO (2008) na circunstância de pesquisador de sua turma o professor se aproxima do trabalho de etnógrafo, que se propõem a interpretar uma cultura estranha a sua, para isso é importante que este professor ao exercer o papel de pesquisador desenvolva um distanciamento e busque um olhar de 'estranheza' apreciando o contraditório. O mais importante seria refletir sobre a própria prática docente, buscando reforçar aspectos positivos e superando as próprias deficiências.

A turma objeto de estudo é composta por 23 alunos com idade variando entre 18 e 50 anos. A maioria é trabalhador informal, destacando-se principalmente as funções de diarista doméstica e auxiliar de pedreiro. Porém existem alguns alunos que possuem empregos formais como cozinheiro, motoboy e vendedor vinculados a estabelecimentos comerciais.

É notório as dificuldades no aprendizado, inclusive conceitos elementares necessários para se desenvolver conteúdos propostos na etapa de ensino e que deveriam ter sido trabalhados em séries anteriores os alunos diziam não conhecerem. Assim boa parte do tempo destinado as aulas acabavam sendo destinados a conteúdos que não correspondiam ao ensino médio.



Referencial teórico

Para auxiliar no processo de reflexão sobre trabalho docente no contexto da pandemia é pertinente contemplar um panorama mais amplo a qual está imerso a sociedade na pós-modernidade. Cabe destacar que para discutir o conceito de pós modernidade recorreremos a KUMAR(1997).

Outro ponto que merece destaque nesse processo de reflexão, mesmo considerando que os componentes atrelados ao trabalho docente estarem alicerçados em bases coletivas, diz respeito a liberdade individual, dessa forma, foi tomando como eixo norteador as concepções de HAN(2015), BAUMAN(2008) e MORIN (2010).

Nesse tocante, vale ressaltar que o conceito de liberdade extraído das referidas obras não têm por pretensão esgotar ou apresentar as numerosas nuances e desdobramentos de um tema complexo, mas sim vislumbrar as proximidades e distanciamentos entre o conceito de liberdade individual para os referidos autores no contexto da sociedade pós-moderna.

Kumar, cientista político indiano radicado na Inglaterra, apresenta um panorama no qual contextualiza diferentes contribuições teóricas da expressão pós modernidade a partir da visão de alguns autores contemporâneos, entre eles Bauman.

Para alguns autores a expressão recairia em um conceito vazio, sem consistência teórica e que em última instância se aproximaria de uma percepção conservadora, e que suplantaria os referenciais teóricos que ajudaram a compreender a sociedade nos últimos séculos por isso no meio acadêmico o termo é desencorajado entre os estudiosos. Outros ainda afirmam que a pós modernidade não suplantaria a modernidade mas agregaria elementos novos e aprofundaria determinados fenômenos observados na modernidade.

A partir das exposições das ideias apresentadas no trabalho de KUMAR, poderíamos inferir que com o desenvolvimento dos processos da globalização,



houve uma aproximação de sociedade heterogêneas quer fisicamente, quer por miscigenação de aspectos culturais formando um todo fragmentado e não harmônico, contribuindo em partes, para a formação de um Estado que se apresenta de modo diluído em uma rede de interconexões, como novos atores não facilmente identificados. O sistema social estaria descentralizado e ligado a Instituições que muitas vezes perpassariam os limites de um Estado Nacional. As Instituições políticas antes delineadas por parlamentos, sindicatos, partidos políticos não atenderiam as demandas de uma sociedade multifacetada e multicultural na qual os desejos não conseguiriam mais ser unificados por classes, mas por pequenos grupos muitas vezes antagônicos, em que cada indivíduo estaria inserido em vários grupos, compondo identidades únicas, tornando a sociedade cada vez mais individualizantes.

Não há, ou pelo menos não há mais qualquer força controladora e orientadora que dê a sociedade forma e significado – nem na economia como argumentaram os marxistas, nem no corpo político- como pensaram os liberais, nem mesmo, com insistiram os conservadores, na história e na tradição. (KUMAR, 1997, p. 38)

Kuma(1997) avança a discussão apresentando que na pós-modernidade haveria uma descrença ao século das luzes, não se aceitam mais os grandes sistemas o marxismo, o liberalismo, a esperança depositada no progresso, nem faz mais sentido a ilusão de que a razão nos orientaria para uma sociedade mais harmônica. Existe nessa perspectiva uma forte influência de Nietzsche que denunciou a face da razão que se mostrava emancipatória, como também questionou a possibilidade de se alcançar a verdade por esse meio.

O conceito de pós-moderno se torna ainda mais ambíguo porque haveria um paradoxo em racionalizar a partir de um conceito um todo desestruturado, fragmentado e caótico onde componentes irracionais escapam de qualquer tentativa de ordenação ou definição. Nesse sentido, alguns autores críticos do tema são resistentes em adotar a expressão pós-moderno, preferindo termos como pós-



industrial. Entretanto, alguns autores preferem explicar o conceito de pós-modernidade como o desenvolvimento de mecanismo nos processos de expansão do capitalismo. Bauman segue nessa direção e prefere utilizar a expressão modernidade líquida.

Nesse contexto, o conceito de razão precisaria ser reexaminado. Quando se fala em razão, não é mais possível acreditar que somos racionais só em decorrência da nossa humanidade, muito além da razão buscamos a recuperação de instintos vitais. Além disso, a razão pode ser deturpada e pervertida e dessa forma interferir no nosso livre arbítrio.

Assim cabe também refletir sobre o conceito de liberdade na pós-modernidade. O conceito de liberdade derivado da tradição liberal burguesa e concebido pelos filósofos contratualistas segundo o qual a liberdade de cada um é limitada unicamente pela liberdade dos demais, se torna obsoleto no contexto pós-moderno. Uma vez que tal conceito subjaz da ideia de cercas e a defesa da propriedade privada, esse conceito empobrece o campo de discussão porque as cercas que nos impedem de ser livre se mostram muito além das que delimitam as propriedades.

HAN (2015) aponta que o estilo de vida ocidental tem provocado ondas crescentes de doenças, com efeitos devastadores nas relações e na vida pessoal “a depressão é a expressão patológica do fracasso do homem pós-moderno em ser ele mesmo” (HAN, 2015, p.27).

Trata-se da violência da positividade, que resulta da superprodução, do super-rendimento e da supercomunicação. Nesse contexto, palavras como motivação, iniciativa, rendimento se tornam preponderantes. A violência já não vem de fora, mas sim do próprio sujeito, na necessidade de ser produtivo e empreendedor.

"o sujeito do desempenho está livre da instância externa de domínio que obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É



senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam." (HAN, 2015, p.29).

O indivíduo auto-sabota sua própria liberdade em função de maximizar o seu desempenho. O excesso de positividade estaria cerceando a liberdade numa gaiola de ferro ainda mais opressora e individualizante que a delineada por Weber e construindo uma liberdade paradoxal, já que as estruturas coercitivas são inerentes ao próprio indivíduo que se autodestrói. A partir desse entendimento seria possível compreender as causas do adoecimento psíquicos da sociedade de desempenho.

Bauman (2008) se aproxima da percepção de Han (2015) na medida que compreende que a liberdade individual gera uma dicotomia, pois o indivíduo pode agir conforme os seus pensamentos e desejos, mas em contrapartida, recai sobre ele a responsabilidade por seus atos e ações. Assim o desempenho pode ser medido também pelas escolhas que são tomadas.

A liberdade de escolha não significa que todas as opções sejam corretas - elas podem ser boas e más, melhores e piores. A alternativa escolhida acaba sendo prova de competência ou falta da mesma. (BAUMAN, 2008, p. 174)

Contudo para Bauman(2008) o conceito de liberdade está atrelado principalmente ao consumo. Liberdade consiste na responsabilidade de tomar para si as escolhas que em certa medida está mergulhada em um caldo onde a probabilidade dessa escolha reflete a necessidade de se apresentar a intensidade de como se vive o presente e de estar e permanecer à frente. Mais do que atender aos reclames de mercado, estar à frente indica à possibilidade de portar os símbolos que o reconhecerão como respeitáveis na sociedade de consumidores e, dessa forma, o possuidor dos bens de consumo desejáveis por todos adquirir um poder de envolver os demais em suas acepções.



Na sociedade de consumo existe o estímulo veloz de se impulsionar o acúmulo dos bens e aos consumidores resta apenas a liberdade de se manter dentro ou fora das tendências consumistas em ofertas contínuas.

Desse modo, existe tirania do agora que transformam o ato de esquecer tão, ou até mais importante que o aprender para se atingir novas metas em uma corrida frenética de substituição do desejo de último momento. Assim, a dependência em se atingir novas metas se configura como causa primeira do existir humano numa sociedade de consumo.

Para MORIN (2010) existe uma mudança de paradigma quando se transpõe uma racionalidade pautada pelo determinismo e a ordem, para uma outra que contempla a complexidade dual e inseparável entre ordem/desordem. O caos para o autor representa mais que a projeção de componentes aleatórios, o que traduziria no espírito humano a incerteza, mas sobretudo representa a incompreensão humana dos aspectos explorados, incompletude.

Dessa forma, em uma perspectiva determinista, o incompreendido era negado, pois acreditava que o conhecimento só seria possível quando pautado exclusivamente por uma racionalidade objetiva. Contudo, Morin (2008) discorre que “nosso conhecimento é subjetivo/ objetivo, que pode assimilar os fenômenos ao combinar os princípios do tetragrama ordem/desordem/interação/organização” (Morin, 2008, p 223). Nessa perspectiva a liberdade individual para Morin assumi um aspecto muito mais amplo na medida que as possibilidades escolhas são potencializadas.

Apresentação e discussão dos resultados.

As aulas presenciais iniciaram no dia 10 de fevereiro do corrente ano, nesse período o coronavírus não parecia uma ameaça concreta, existiam notícias relacionadas ao pânico das pessoas na cidade de Wuhan na China, mas a doença



parecia sob controle e nem a OMS reagia quanto a gravidade da doença neste estágio. Na própria mídia local, em uma entrevista de rádio com um médico infectologista, foi passada a informação que deveríamos ter mais preocupação com o sarampo e a dengue, essa parecia ser uma percepção generalizada das pessoas.

Para os professores da escola na qual trabalho a preocupação estava centrada no fato de ser implementado um sistema de registro de aulas que demonstrava algumas falhas de acesso, além de que não houve nenhum período de experimentação do diário eletrônico pelos professores da escola, a secretaria de educação afirmou que em algumas escolas- precisamente 45 escolas das 326 escolas da rede Estadual - os professores havia sido assessorados e funcionou como forma de projeto piloto no ano anterior, mas o sistema demonstrou instabilidade quando aumentou o fluxo de uso.

Mesmo com tantos problemas os registros das aulas precisava ser realizados em 24 horas, caso contrário era necessário solicitar autorização à direção da escola via plataforma para realizar cada um dos registro não realizados no período considerado. Tudo estava muito confuso, mas duas semanas depois, todos os professores da escola em que trabalho já realizam os registros regularmente. É importante salientar que não foi passado para nós professores nenhum equipamento para realizar esses registros e nem mesmo o acesso era possível realizar com o Wifi da escola cuja a internet é extremamente limitada. Cada professor utilizava seus próprios recursos e buscava suas próprias adequações técnicas. Alguns professores desta escola demonstraram dificuldades com uso da tecnologia mas não lhes foram oferecidos nenhuma forma de assistência. O sindicato questionou junto ao ministério público esta situação ainda em fevereiro, sendo que meses depois foi notificado que a SEDUC (Secretaria de Estado da Educação Cultura e Esporte), através do Governo do Estado de Sergipe, havia realizado a aquisição de vários equipamentos eletrônicos com a contratação de acesso à internet para os



professores acessar o diário eletrônico. Mas o fato é que nenhum professor que recebeu tais equipamentos foi localizado pelo sindicato.

Posteriormente, quando a infecção por COVID 19 assumiu destaque nos noticiários e se comentava em alguns Estados do Brasil sobre a perspectiva do fechamento das escolas, como por exemplo em São Paulo onde houve um plano de enfrentamento da disseminação da doença estabelecendo data prévia para o fechamento das escolas, buscando assim dirimir o impacto causado às famílias, dando tempo para se buscar alternativas para equacionar o problema de pais que trabalhavam e crianças sem escolas abertas.

Em Sergipe este planejamento não existiu, em nenhum momento foi esboçado qualquer ensaio de fechamento das escolas, as aulas ocorreram normalmente até o dia 13 de março. Dia 16 de março de 2020 o governador Belivaldo publicou o Decreto Nº 40560, que entre outras medidas suspendia atividades educacionais em todas as escolas, universidades e faculdades, das redes de ensino pública e privada, pelos próximos 15 dias. Outros Decretos se sucederam sem qualquer orientação de atuação docente neste período, houve apenas a indicação de curso na modalidade a distância de oferta realizada pelo MEC. Posteriormente foi concedida férias antecipadas e da mesma forma não foi comunicada individualmente a cada professor, no meu caso tomei conhecimento que estava oficialmente de férias por meio do jornal local.

A escola agendou a primeira reunião online para debater como se daria a aplicação de atividades remotas no dia 12 de junho, quase três meses depois do primeiro decreto de suspensão das aulas presenciais, nessa reunião houve a participação das duas coordenadoras, a diretora da escola e três professores. Foi orientado que as atividades precisavam ser aplicadas já na semana seguinte e seriam orientadas via aplicativo whatsapp e as atividades seriam impressas para alunos que não tivessem acesso à internet. Para isso seria preciso construir um planejamento que possibilitasse que os alunos conseguissem desenvolver os



trabalhos considerando tais circunstâncias. Nós comentamos que seria difícil trabalhar com tantas limitações uma vez que os alunos possuíam altos níveis de defasagem e precisavam que o governo garantisse pelo menos o acesso à internet aos alunos, mas tal hipótese já foi refutada de imediato. Como estamos todos mergulhados em incertezas e acreditávamos que tais atividades seriam avaliadas periodicamente em conjunto para verificar a eficácia de sua ação, aceitamos as orientações da SEDUC que posteriormente se aproximou mais de ato impositivo. É importante salientar que nem em grupo de whatsapp com os alunos eu participava. A escola entrou em contato com parte dos alunos para construir um grupo de trabalho, sendo que grande parte ficou excluída no primeiro momento. Além disso, nós professores precisávamos enviar o planejamento via plataforma para que coordenadores aprovarem, como não houve nenhum encontro orientando o preenchimento desses formulários, esta função demandava muito tempo. O coordenador pedagógico precisou assumir muitas responsabilidades, avaliar os planos semanais de todos os professores em todas as turmas.

Cada plano possuía um alto nível de detalhamento e possibilitava uma diversidade de interpretação no preenchimento, entres outras informações exigidas no preenchimento do planejamento das atividades orientadas era preciso destacar habilidade a ser desenvolvida, estratégia metodológica, atividade orientada, recurso didático, registro de frequência. Com o excesso de obrigações, e possivelmente com as exigências da SEDUC, o coordenador responsável em avaliar os planejamentos era criterioso na aprovação de cada plano e uma escolha de palavras menos adequada era motivo de devolução de planejamento, sendo necessário refazê-los com certa urgência. Essa situação foi comentada por alguns colegas da escola e também de outras escolas diferentes.

Outro problema enfrentado foi quanto a instabilidade do sistema, aliado a pressão da SEDUC(Secretaria da Educação, do Esporte e Cultura) e DEA(Diretoria de Educação de Aracaju) para a atualização do diário eletrônico.

[19:40, 17/08/2020] Professor: Coordenador boa noite, só para registrar, o sistema está indisponível.

Em outro dia da mesma forma:



- [19:30, 19/08/2020] Professor: O sistema está instável não aparece as datas e está muito lento
- [19:31, 19/08/2020] Professor: Nessa parte debaixo, não aparece a aula.
- [19:31, 19/08/2020] Professor: Nem o componente
- [19:32, 19/08/2020] Coordenador: Certo. Quando for possível você corrige
- [19:32, 19/08/2020] Professor: Certo, estou com medo é de apagar tudo
- [19:33, 19/08/2020] Coordenador: Caso aconteça avise para eu ligar para o setor responsável.

Ainda em outro momento:

- [22:15, 03/09/2020] Professor: O sistema não tá permitindo nem editar
- [22:17, 03/09/2020] Professor: Acho que o sistema não suporta tanta gente
- [22:17, 03/09/2020] Coordenador: Deve ser.

Essa situação em determinados dias se tornavam comum e em conversas informais com colegas inclusive de outras escolas, destacavam que ficavam tentando acessar o sistema durante horas para que se cumprisse os prazos estabelecidos pela secretaria.

- [10:38, 18/08/2020] Professor 1: a DEA estava pedindo códigos da BNCC, alguns professores estavam colocando sem códigos, outros usaram os códigos das habilidades da EJAEM de 2008 e outros usaram os da BNCC do médio regular, falei agora com a Supervisora e ela mandou usar o referencial de 2012, porém nele não tem códigos, a coordenação pedagógica da DEA acabou de dizer que não tem obrigatoriedade de colocar os códigos, cada hora uma novidade, mas ao menos esta facilita.
- [10:38, 18/08/2020] Professor 1: Bom dia
- [10:38, 18/08/2020] Professor 1: Desculpe o desabafo
- [10:38, 18/08/2020] Professor 1:: Mas são estas coisas que lascam com a educação
- [10:39, 18/08/2020] Professor 1: Ontem, fui dormir quase 1h da manhã tentando enviar um planejamento que a prosopopeia da DEA não vai nem olhar para ele
- [11:29, 18/08/2020] Professor 2:: Tentei ontem e estou tentando agora e não estou conseguindo
- [11:32, 18/08/2020] Professor 3: Sistema está sobrecarregado. Lento, muito lento. São mais 38 mil planejamentos
- [12:25, 18/08/2020] Professor 1: Eu também não consegui



Nós professores esperávamos urgência da liderança da SEDUC e de políticas públicas de Governo para se construir um plano de ação conjunto, buscando avaliar as estratégias metodológicas empregadas, as condições oferecidas aos alunos quanto aos meios de acesso remoto e sobretudo delineando um calendário de reposições de aula, estratégias de avaliação e calendário de encerramento do semestre, porém todas estas questões eram decididas por portarias sem a participação dos professores e sem um tempo prévio para ajustar a um planejamento construído na incerteza de concretude.

Inicialmente planejei minhas aulas para que exigisse reflexão de algum conceito atrelado ao contexto de um filme, um texto jornalístico ou científico. Adotei um livro virtual proposto pelo MEC e adequado ao contexto de Educação de jovens e adultos. Entretanto uma parte dos alunos não aceitaram muito bem a proposta. Mandavam mensagem privada alegando sentirem vergonha de exporem suas opiniões. Em determinada circunstância, foi questionado mais uma vez a metodologia de trabalho, porém a maior preocupação é o fato dos alunos não interagirem e não a qualidade do trabalho oferecido.

[14:11, 14/07/2020] Coordenador: Boa tarde Professor!

Estive conversando com com uma aluna e declarou que não estão entendendo a matéria e que por isso muitos não fazem.

[14:12, 14/07/2020] Coordenador: Sugiro ir no tradicional mesmo exercício para ver como se saem.

[14:12, 14/07/2020] Professor: Coordenador mas a maioria das atividades que tenho postado exige mais uma tomada de opinião

[14:13, 14/07/2020] Coordenador: Exato. Disse q não sabem se Expressar.

[14:13, 14/07/2020] Coordenador: Acredito que não entenderam a dinâmica das aulas.

[14:14, 14/07/2020] Professor: Atividade tenho postado também a partir do ENCEJA e muitos nem se quer percebe que a questão está resolvida

[14:17, 14/07/2020] Professor: Acho que se retomar a forma como se dava as aulas presenciais será mais difícil pois como a [Professora X] tinha falado acompanhando de um por um cada aluno eles tinham dificuldades em compreender. Não tem como dá assistência online como fazíamos no presencial sem acesso adequado.

[14:29, 14/07/2020] Coordenador: Exato.

[14:33, 14/07/2020] Coordenador: É tudo muito difícil para todos. Eu entendo

[14:43, 14/07/2020] Professor: Posso tentar questões objetivas

[14:43, 14/07/2020] Professor: Do próprio ENCEJA.



[14:52, 14/07/2020] Coordenador: Pode ser. Vamos ver como eles reagem.

Por ser um ambiente virtual compartilhado, escolhi inicialmente a metodologia que tinha por objetivo construir uma rede colaborativa em que a reflexão de conceitos surgissem a partir da troca de percepções de um texto, charge, vídeo ou filme indicado. Porém como houve poucas interações, fui sugestionado a aderir a um modelo que exigia pouca reflexão e mais tecnicismo, pior como se dava em ambiente compartilhado, poderia correr o risco de não haver desempenho individual, mas uma cópia do material postado pelo colega anterior. Mas o fato é que mesmo quando indicava questões de múltipla escolha, e havia postagens de uns poucos colegas a grande maioria não se manifestava. Nem se preocupava em interagir ou solicitar mais atenção pelo fato de não ter entendido. Como as participações diminuíram a Coordenadora sugeriu que houvesse encontros pelo virtuais pelo aplicativo MEET. Decidi aceitar a proposta porque todos os 9 alunos da turma em questão aceitaram participar, o fato é que apenas 4 puderam estar nesse dia, mesmo assim, 2 desses não interagiam quando solicitados é como se não estivessem presentes em nenhum momento ou estivessem naquele encontro desenvolvendo outras tarefas.

Em outros encontros marcados, apenas 2 alunos frequentavam as aulas virtuais. Posteriormente recebi mensagens de um dos alunos dessa turma informando que não pode participar do encontro, porque o acesso dele a internet era bastante limitado e usava os dados disponíveis para o trabalho. Mensagem similar foi postada por outro colega afirmando que não tinha condições de continuar com o ensino remoto por conta de não ter acesso à internet. Mesmo afirmando que poderia desenvolver as atividades a partir de módulos impressos o aluno desistiu. Outros agiram da mesma forma, apenas não informaram nada.

Outro problema é que a escola não conseguiu entrar em contato com todos alunos e assim no decorrer dos meses recebia mensagens de alguns que não sabia que a escola estava ofertando ensino remoto e gostaria de realizar as atividades não realizadas. Essa situação não foi contemplada inicialmente, inclusive a SEDUC sustentava que o prazo de duas semanas no máximo para registrarmos no sistema o quantitativo de alunos que frequentaram e realizaram a atividade remota. Porém da mesma forma não definiu que não seria permitido a aluna realizar atividades cujo os



prazos de entrega já havia se esgotado. Dessa forma uma aluna dessa turma passou a cumprir todas as atividades não realizadas depois de 2 meses de início do ensino remoto. Da mesma forma uma outra aluna da turma comentou um problema similar no grupo da turma, mais de 3 meses depois da primeira mensagem postada.

Nessa turma, os alunos tentavam incentivar os colegas que interagiam com postagem de atividades ou com contribuições ou questionamentos realizados pelos professores, enviando 'emoji' de aplausos ou mensagens como muito bem, parabéns. Entretanto depois de perceberem situações como essas de alunos que começaram a entregar atividades posteriormente, cujo os prazos já haviam sido esgotados se desestimularam a serem assíduos.

Posteriormente comentaram que perceberam que colegas copiavam suas respostas e assim uma metodologia pensada inicialmente como promotora da colaboração, firmando uma parceria integrada de conhecimento se fechou em destacar participações pontualmente individuais.

Considerações finais

No percurso para ajudar no processo de reflexão sobre o trabalho docente na pandemia recorremos ao conceito de liberdade na pós-modernidade, começamos a refletir sobre pós-modernidade, apresentando uma percepção teórico-conceitual vislumbrada num breve panorama extraído da obra de Kumar (1997).

Em seguida, construímos um debate bastante conciso sobre liberdade no entendimento de Han (2015), Bauman (2008) e Morin(2010), destacando pontos de aproximação e distanciamento na percepção dos autores. Finalmente cabe ressaltar que para os autores destacados, apesar dos excessos apresentados de aparentes livres escolhas de possibilidades, a sociedade em determinada medida se apresenta disciplinadora no tocante às escolhas individuais.

Considerando o relato e os elementos apresentados podemos observar que a qualidade do trabalho remoto docente se teve sua efetividade comprometida principalmente pelo fato de não ser observadas políticas que garantissem aos alunos acesso as atividades propostas.



Além disso a formação docente ocorreu exclusivamente por iniciativa individual, as tomadas de decisões sobre estratégias metodológicas não foram construídas de forma coletiva, pelo contrário se apresentavam com elementos fragmentados, gerando insegurança e insatisfação aos poucos alunos que tinham possibilidades de acesso remoto.

Finalmente cabe ressaltar que no contexto da pandemia, a grande maioria dos alunos que estavam vinculados a trabalhos informais tiveram sua renda comprometida, assim precisaram dedicar horas antes dedicadas aos estudos a afazeres domésticos e em ações que lhe garantissem meios de subsistência. Situações não contempladas no planejamento docente.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. (2008), ***Vida para o consumo***. Rio de Janeiro, Zahar.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

HAN, Byung-Chul. **A Sociedade do Cansaço**. Lisboa: Relógio d'Água, 2015.

KUMAR, Krishan. **Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.